

As quadrigas em arena brasileira

Ana Claudia de Oliveira
PUC/São Paulo:
Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica

Romanos de ontem, romanos de todas as eras, inclusive romanos do nosso contemporâneo que, como uma mitologia, ressurgem da arena do Circolo Massimo, nesta do coração da terra vermelha do Estado de São Paulo, nas cercanias da cidade de Cravinhos, na Fazenda Estrela d'Oeste.

No vale do Pântano, a arena tem de comprimento 305 metros por 106 metros de largura. O canteiro central é largo de 6 metros e uma fileira de coqueiros desfila pelos 205 metros em uma divisória da arena ao meio. Na parte de cima, uma mata intermediária de sucupira, branca e roxa, é o limite e, nas três outras laterais, com vista para as colinas ao fundo, a arena é circundada por um verdejante canavial, matéria prima do biocombustível, a energia natural das corridas automobilística de Fórmula 1 que hão de vir.



Figura 1: Visão panorâmica da arena da Fazenda Estrela d'Oeste¹.

Nos cinquenta metros da faixa de corridas, na posição medial da pista, nove carros se postam para a secular largada das quadrigas que têm ao sul do Equador um torneio anual no período da seca desde que o aficionado Luiz Augusto Mei Alves de

¹ Crédito da fotografia: Rodrigo Moreira

Oliveira, em agosto de 1995, decidiu levar adiante essa modalidade esportiva que começa a ser praticada por homens e mulheres, contando com apreciadores de todas as idades.

A largada põe-nos em contato com aquela imortalizada pelo filme *Ben Hur* (1959), dirigido por Willian Wyler, uma tradução intersemiótica do livro de Lew Wallace (1880) que suprimiu o sub-título *A tale of the Christ*. Estamos prestes a integrar um espetáculo movido pela energia do homem e pela dos quatro cavalos que puxam o carro leve de alumínio, de roda de pneu fino, uma atualização local para amortizar o seu impacto na locomoção veloz pelo gramado irregular. O interior desse carro é revestido com fibras de algodão e forração de couro em capitonê para amaciar a batida das pernas do condutor, cujos pés permanecem fincados no piso. No exterior, bustos de Felipe e Alexandre, esculpido em bronze, nos transportam para a Grécia antiga, lugar originário desse esporte, introduzido nos jogos olímpicos em 680 a.C..



Figura 2: Lateral do carro de alumínio com busto grego esculpido em bronze e pneu fino para suavizar o impacto no terreno irregular.



Figura 3: A vista interna do carro mostra a forração de couro em capitonê que amacia as pancadas. Uma haste metálica colorida ergue-se do centro inferior do carro até a altura do mesmo e avança para frente em diagonal.



Figura 4: Sustentado por essa diagonal, uma barra horizontal na mensuração do corpo dos quatro cavalos recebe a fixação do sistema de roldanas que mantém as rédeas interligadas. O condutor move os quatro cavalos pelas duas rédeas que ele sustenta uma em cada mão.

Como no hipódromo do Monte Olimpo, na região ocidental do Peloponeso, que era tida como a residência dos deuses, neste hipódromo paulista, além das provas de quadrigas, ocorrem provas de dois cavalos, as chamadas bigas. À diferença das corridas ancestrais são os homens que as vencem os que recebem as coroas e troféus de terceiro, segundo e primeiro lugar nos festejos de um churrasco de compartilhamento entre torcedores e corredores. Ainda outro traço distintivo é que, na atualidade, os cavalos pertencem à propriedade rural e não são mais de outros donos que só nos dias de corrida adentravam a arena movimentando as apostas nas quadrigas revestidas então de valor financeiro. Mas, mesmo sem apostas, a difusão dos resultados dos treinos circula entre a audiência seleta em um boca a boca alardeando a quadriga e ginete mais cotados que se espalha.

Porém, essa performance anunciada depende, de fato, do que se sucede nas várias etapas da pista em que entram em cena: os dados do acaso, que podem atuar a favor ou contra os favoritos; a experiência de relacionamento entre ginete e cavalos, como um fator decisivo, que favorece o driblar de obstáculos que tanto podem variar de um acidente com o carro da frente ou com o de trás que não consegue operar um desvio por uma falha qualquer, um susto que provoca desconcentração, uma má tomada de decisão na pista, entre tantos outros mais. Os sentidos antenados, como um radar

captando em todas as direções, os corredores se arriscam para desfrutar o máximo possível das oportunidades da corrida, o que faz com que cada prova tenha sempre um assombramento pairando sobre o que nela pode advir. Determinações, cálculos, mas igualmente acidentes inesperados são enfrentados tanto com táticas e manobras, mas também com entrosamento afinado e sintonia, formando em sua articulação sintagmática a dinâmica dos sentidos, que produz a significação da corrida.

Da volta de reconhecimento da pista, os nove carros, ao mesmo tempo em que se expõem no terreno, põem-se em busca de uma acomodação na posição em que foram sorteados se postar na competição e vencê-la é uma prova de conhecimentos da pista, dos cavalos, dos concorrentes, com os seus modos reiterativos de se portar na corrida, que se somam à prova de auto-conhecimento que se repropõe a cada disputa.

Aficionado por cavalos, quer para montá-los quer pelo seu adestramento, este empreendedor dessa modalidade esportiva é um descendente de italianos e construiu essa arena justamente nas terras de cor avermelhada vivaz que abrigou o melhor café arábica brasileiro até a crise de 29. Foi então nessa localidade que os imigrantes italianos vindos ao Brasil muito trabalharam no cultivo da cafeicultura de então.

Coincidência, mas, talvez, não, pode ser que o gosto pelas quadrigas justamente aqui é cultivado porque estamos em terras de prazeres ancestrais que ensinaram aos do lugar o sabor de sentir com os sentidos as coisas desta e de outras terras. Nas origens, as matas tropicais, que ainda nos olham dos morros voltadas para o vale, dominavam tudo até, no final do século XIX, ocorrer o plantio de milhares de pés de cafeeiro que fizeram surgir o cultivo do gosto da gente pelo gosto do café arábica. Só para os apreciadores a bebida é ingerida sem açúcar pelo prazer do seu paladar e aroma. Essas trabalhosas lavouras eram de ponta a ponta percorridas no lombo desta raça de cavalo, o manga-larga, resultante de um puro-sangue alter com éguas comuns. O gosto pelo manga-larga advém do fato dele oferecer uma das melhores andaduras, grande rusticidade e adaptabilidade às várias tarefas o que o tornou preferido para as longas lidas agrícolas e as da pecuária nacional. Mas esse gosto do manga-larga trouxe com ele também os dos apazimentos como esse da corrida de quadriga.

Os quatro cavalos pareados na pista em suas corporeidades semelhantes fazem com que, ao se ombriar, quatro pareçam um. No corpo a corpo entre homem e cavalos, corpos como pura energia voam na pista em uma interação recíproca que vai muito além da dominação do corredor e do adestramento da montaria. Em um aquém, esses dois corpos são dotados de uma inteligência sensível a ponto de a parceria propiciar na interatuação carne a carne que um apreenda os movimentos do outro e, em uma conexão alimentada por mínimos gestos de um para o outro, eles se redescobrem nas impulsões interligadas que os tornam mais cada um. Questão de sensibilidade e de estesia, o sentir o sensível é uma competência desenvolvida no exercício par a par do ginete e dos cavalos que não se ligam só pela finalidade objetiva de vencer a prova. Nas suas presenças imediatas, cavaleiro e cavalos dispõem-se corporalmente na apreensão dos efeitos de sentido emanados de um e do outro em total processo de ajustamento propagativo.



Figura 5: Charles Heston interpreta um judeu da aristocracia de Jerusalém, *Ben-Hur* na corrida de quadrigas. Filme de 1959, dirigido por Willian Wylen, a tomada fotográfica frontal nos permite apreender o imbricado processamento da atrelhagem e a sofisticação dos arreios de couro e das rédeas.

Assim é que os adeptos, os aficionados dessas pistas de quadrigas não amam a espetacularização ludibriosa do circo que era montado em Roma, no Circolo Massimo, arena na qual, em presença de imperadores, nobres, plebleus, a corrida propiciava igualmente a todos um livre curso das paixões da alma. Em delírio, disputa de poder, de justiça, de opressão, como a entre Ben Hur e Messala na imortalizada corrida audiovisual. Inclinado para frente, braços avançados, cada uma das duas rédeas em cada uma das mãos do condutor acionam os cavalos para correr soltos. Atrelados boca a

boca, as cabeças são mantidas unidirecionais, na mesma altura e com igual distanciamento. As crinas esvoaçando na impulsão que corta o ar, com mais e menos intensidade, o couro das rédeas roça o couro dos cavalos, roçando a pele das mãos.

Na foto do Ben Hur paulista (Figura 6), o corpo está com o tronco ereto, as pernas mantêm a flexão, os braços também retesados formam angulação isócela com o antebraço e a mão, firme no manuseio da rédea, esforça-se para manter-se em paralela à outra mão. Nos corpos do condutor e dos cavalos ressaltam esses atos conjugados de contensão inteiramente visíveis nas cabeças dos cavalos em perfeito alinhamento (Figura 7).



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

Figuras 6, 7, 8 e 9 são lances de uma corrida de quadrigas na arena da Fazenda Estrela Oeste em momentos de ultrapassagem.

A pista é o palco da vitória da destreza dos corpos do ginete e do cavalo. Arte das rédeas, que os seguidores acompanham com os seus binóculos, intuindo pelos movimentos do ginete as artimanhas das quadrigas. Em cada mão, uma só rédea e os braços têm o comando das movimentações. O corpo flexível do condutor avança para

todos os lados e, nas entradas e saídas das curvas, o olho lança-se capturando em panorâmica a situação dos concorrentes na prova. De volta na reta, a quadriga retoma a impulsão total. Os pés permanecem plantados no piso, equilibrando o corpo movente. Tensionadas, as rédeas são manobradas pelas mãos que acompanham os braços, e alinham a sua posição e movimentação às da totalidade das partes do corpo. Na impulsão, os braços erguem-se e soltam-se várias vezes dando liberdade aos quatro cavalos para arrancar e chegar à velocidade máxima nas retas; abaixando os braços na altura do carro e mantendo-os colados ao corpo, os dois cavalos de dentro são obrigados a se retesar enquanto os de fora permanecem soltos puxando o carro para fazer a curva em velocidade. Incitados a avançar ou a se retesar controlados no mesmo andamento, a rítmica regente é a da maior impulsão. Em aceleração máxima, a quadriga chega a atingir uma velocidade de mais de 60 quilômetros por hora nas retas.

No entanto, a intensidade com que é vivida a diminuta temporalidade de quatro minutos da duração da prova não parece em nada corresponder à intensidade de toda a sucessão de suspiros descontrolados, de saltos que chegam ao delírio na disputa acirrada dos carros. O que recobre esse andamento é uma aceleração das emoções que leva a pensar que todos os marcadores do tempo são falsos. O torcedor quer chegar junto com o seu carro e ele está lá na pista, nele, no seu impulsionar o condutor e a quadriga. Nas pistas, umas avançam mais do que as outras e, após algumas voltas, vão se definindo os que se destacam na frente na disputa de uma colocação. Nem sempre o campeão é o que ocupa a melhor colocação na largada, nas voltas iniciais. O conhecedor sabe o folego de sua quadriga e explora cada respiração sua e dos cavalos na duração do percurso. A cada passada na marca da largada, uma outra volta se completa para ovação geral, o que mostra a corrida como circulação de energia também dos corpos da platéia.

A peleja é tanto mais vibrante quando no páreo estão três ou quatro quadrigas. Na aproximação do competidor pela direita (Figura 8), a sua presença é sentida pela quadriga da frente que vai se soltar em sua força máxima. O páreo torna-se alvo de todos os olhares que se concentram nas cores vibrantes das vestes dos corredores paulistas. Pelo cromatismo, os torcedores sabem reconhecer os ginetes em toda a extensão da pista e parece mesmo que os da platéia alçam vôos e estão com as vestes de cetim dos dois condutores em sobrevôo sobre os demais. Os finalistas encontram os

retardatários que vão em velocidade menor e apresentam-se como obstáculos à ultrapassagem. Em ziz zag de fuga, enfrentando esses menos velozes, os mais ligeiros tentam completar as suas sete voltas pela arena, um percurso total de 3200 metros que é realizado pelo vitorioso em pouco mais de quatro minutos.

Esse tempo da competição tão esperada cria expectativas que patemizam a corrida com uma duração muito mais alongada pela carga passional que circula na ambiência. Cavalo e cavaleiro transpiram buscando uma extensividade de suas forças e de seus músculos tesos. Só um deles supera os demais e arranca o V da vitória. O vencedor continua velozmente e vai ultrapassando os carros como se ainda disputasse com eles. As suas mãos permanecem no exercício integrado com os cavalos e, não é, pois, na pista que se erguem primeiro os dois dedos em celebração. São os torcedores que celebram ainda impactados, corpos disparados e os olhos acompanhando o curso da corrida: uns desacelerando-se ao passar o marco da chegada, outros ainda em aceleração para ganhar uma posição de classificação.

Na sombra dos faveiros, não há mais um só corpo em relaxamento. A centena de privilegiados torcedores se agita. Todos os seus membros saltitam e cada um tenta ser o mais preciso no recontar o percurso do seu corredor. A celebração é a festa apaixonada dos presentes pelo esporte cuja competição já foi definida.

Logo mais, em conjunto, a celebração será entorno do churrasco de mais uma festiva de dias de prova. Enquanto se dá esse intervalo em que os cavalos vão sendo recolhidos para esfriar e ter o seu repouso merecido, os cavaleiros também vão esfriando os seus corpos e, em especial, seus ânimos, as suas emoções em um pulsar de cintilações no seu despir-se das roupas ornamentais. No seu caminhar das pistas para a mata, os cavaleiros ostentam as suas calças jeans, camisas de algodão e os chapéus de palha, de feltro, que fazem a diferença ainda hoje entre os rurais do Brasil e os urbanos que adotam os bonés. Esses homens vão se confundir com os outros de chapéus que trazem nas veias a ruralidade que os singulariza e os sintoniza no gosto que o cavalo assume no redimensionamento de suas vidas.

Nas rodas de prosa só se troca comentários de cada lance vivido e escutando-os é que se depreende como a platéia é opinativa. Não há ainda um só corpo em

relaxamento. Enebriados, ainda depois da prova, os comentadores sorvem, lance a lance, a corrida nos seus relatos. O prosaico chega ao seu estupor quando os competidores adentram a mata. Todos que explicavam o que e como fez o vencedor, um perdedor, o que poderia ter feito um e outro, neste momento, esses se calam para tarde adentro trocarem com esses deuses alados as suas impressões sobre as suas proezas. O fascínio do cavalo continua...

As vozes na mata da terra brasilis ecoam até a luz do sol poente anunciar mais um final de dia de quadrigas da Fazenda Estrela d'Oeste. As camionetes, os jipes, todos com tração 4 por 4 e tantos cavalos de motor, lembram o maravilhamento pela velocidade e pela potência derivadas da tração do cavalo. Um esporte, uma prática com provas de auto-superação que encantam e produzem encantamentos aos romanos de todas as eras².

² Você pode sentir esse enlevo no www.quadrigas.com.br. Mas o melhor é inscrever-se já para a nova temporada de quadrigas de abril a setembro. Como qualquer prática, este esporte exige o corpo em sua plena condição física. O cavalo é o seu teste, o seu vir a ser um praticante da arte equestre que o permite reinventar-se no e pelo contato consigo mesmo, com e pelo cavalo.